

Ualalapi: em busca do caminho perdido

Daniela Neves Lima*

RESUMO

Este artigo traz uma leitura da obra *Ualalapi*, de Ungulani Ba Ka Khosa, buscando elucidar alguns aspectos presentes no texto que refletem sobre a nação e os seus significantes. Estabelece uma relação entre a narrativa e diversos elementos da cultura africana, nela representados como uma forma de revisitação das origens.

Ficcionalizando o real

Ualalapi não é o grande herói, nem personagem principal da estória narrada. A narrativa é a ficcionalização de uma importante parte da história da cultura moçambicana, representada na imponente figura de Ngungunhame – último imperador de Gaza, antes do domínio Português. Mas *Ualalapi*, sem ser rei, imperador ou qualquer outra importante personagem histórica, é aquele que possibilita o reinado de Ngungunhame, pois mata seu inimigo, devido à grande lealdade que mostra pelo chefe e seu povo.

Através de seis contos, que formam uma unicidade coerente de significação, história e ficção se unem para registrar não a versão histórica oficial dos fatos, mas uma presença e uma emoção que se fazem muito mais abrangentes, pois retomam a história moçambicana em todas as suas faces, através de uma linguagem que contextualiza a própria cultura narrada e privilegia as formas simbólicas da nação em questão. A obra não visa uma versão heróica nem gloriosa dos Nguni e seu chefe, mas estabelece uma visão de nacionalismo muito mais profunda, que se identifica com o conhecimento e o resgate dos seus próprios valores e tradições esquecidas, apagadas da memória de seu povo.

Através do romance *Ualalapi*, constrói-se então uma história liberta dos parâmetros historicistas. Para Walter Benjamin, “o cronista que narra os acontecimentos sem distinguir entre os grandes e os pequenos leva em conta a ver-

* Mestranda em Literaturas de Língua Portuguesa – PUC Minas.

dade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história.” (Benjamin, 1993, p. 223). Portanto, essa ficção que tem como título uma personagem sem destaque na história e no contexto maior dos fatos narrados, se faz uma grande obra em representação e revisitação da história nacional.

Um mundo quase onírico

O texto exala magia, sabor, cheiro, sons e cores. Os sentidos se fazem aguçados, pois, como num sonho, tudo é descrito com intensidade e colorido. Afinal, a mitologia e a espiritualidade são pontos fortes da cultura africana. E numa linguagem que se aproxima da sua cultura, a narrativa transmite a riqueza mitológica da África, que cria elementos simbólicos para o que ocorre com os homens. Proporciona vida, significação e uma relação simbiótica entre os fatos narrados e a natureza presente. Há sons e ruídos em todo o desenrolar da narrativa. E esses sons, carregados de simbolismo, são extremamente significantes para cada passagem do texto ficcional.

Há também sabores para caracterizar os fatos narrados: “Aquele chuva azeda” (Ba Ka Khosa, 1990, p. 64)¹ que não parou de cair. O olfato, como acontece com os animais, parece enviar os grandes sinais dos eventos passados e futuros: “A matança foi de tal ordem que gerações vindouras sentiram o cheiro de sangue quente misturado ao capim” (p. 88). E ainda: “Maguiguane teve que chamar um curandeiro para tirar-lhe do corpo o cheiro dos mortos”. (p. 89)

As cores e o jogo de luz e sombras acrescentam grande visualidade ao texto e apresentam um potencial de significação explícito no contexto da narrativa. “O mar, em redor do barco, tomava a cor do vômito” (p. 99). Alguns indícios do final apocalíptico são elaborados durante todo o texto, através das cores carregadas pelo sentido mitológico. Cores marcadas de morte, de fim. É o negro da noite e o vermelho do sangue. O apocalipse é percebido previamente também na composição da linguagem onírica, com um simbolismo representado por serpentes e animais de “mau agouro”.

E a ausência dos sons e das cores também surge como presságio negativo e com mensagens implícitas, pois, assim como o texto de Ungulani, a cultura africana é voltada para o som, a música, a dança, a oralidade, para o contato direto com o transcendente e a natureza. Afinal, é uma cultura que valoriza os aspectos sensitivos humanos, as percepções sensoriais e extra-sensoriais. Na narrativa, a vida e o destino da nação estão diretamente refletidos na natureza, na cor ou na ausência dela, nos fenômenos meteorológicos, nos sons que são

¹ Todas as citações, seguidas apenas de número de página, referem-se a esta edição.

descritos acompanhando os grandes acontecimentos e mudanças. “Os guerreiros temem a manhã, o Sol, o vento dos cânticos esquecidos, a terra sem cor, as árvores com folhas murchas, o céu sem nuvens, a planície morta”. (p. 82)

E o sonho, como manifestação do transcendente e do inconsciente, parece surgir na forma mítica em que os fatos são narrados. São muitas vezes imagens que lembram a linguagem onírica, mas podem carregar o sentido de uma premonição além do simbólico. “Uma mulher, sem aparências de gravidez, teve uma criança sem olhos e sexo” (p. 117). Poderíamos ler nessa passagem a impossibilidade do sentido da visão e da reprodução da cultura, e a ausência de identidade que assolaria os moçambicanos.

A relação mágica e onírica se faz presente também na contínua e intensa presença de visões, alusões, citações e comparações com animais como forma de expressar um acontecimento maior, uma condição presente ou futura, premonições e constatações. Essa recorrência a animais durante toda a narrativa não se faz acidentalmente. É também forte recurso de identificação e revelação da nação e da cultura, que expressa uma relação de proximidade com a natureza e de simbologia mágica dos animais – uma relação cultuada, acreditada e disseminada pelos ancestrais. “Sonha a mesma coisa. Vê serpentes a devorarem cobardemente os homens”. (p. 81) Aqui, o símbolo do animal vem diretamente associado ao sonho e carrega toda uma significação implícita, que se desvela ao longo da narrativa que se desfecha apocalipticamente, com os portugueses a “devorarem” os moçambicanos, os africanos, o povo de Ngungunhame.

Logo no primeiro conto, o símbolo do animal e o seu significado atribuído pela cultura local surgem como uma apresentação do modo de percepção desenvolvido durante toda a obra. “Dois pangolins, animais de mau agouro, reluziam ao sol” (p. 24). Ainda no mesmo parágrafo, a passagem: “Passou a mão pela carne fresca, sinal de fartura e bons presságios”. Percebe-se então uma mensagem paradoxal: a anunciação das mortes, mas também do período de fartura que caracterizaria o reinado de Ngungunhame, seguido pela miséria que viria com o fim do império e o domínio português. Mas, a simbologia da carne e do vermelho está presente no desenvolvimento da narrativa, às vezes significando vida, às vezes morte ou ambas. Afinal, o vermelho é o sangue e destaca-se no episódio de Damboia, mas permeia também o percurso da estória em outras passagens, carregando sempre o seu simbolismo. “O sangue dela escorreu ao rio, tingiu-o de vermelho e matou os peixes que os nguni não comiam”. (p. 71)

O universo representado pela narrativa de **Ualalapi** carrega o simbolismo e a fantasia originários da cultura moçambicana e, como formas caracterís-

ticas desta, se empregam como recurso textual na elaboração ficcional de uma história quase abandonada pelo seu povo. Proporciona desta forma um processo de resgate da cultura ancestral, da memória da nação, impedindo que esses fatos sejam esquecidos. Através do uso da oralidade e da linguagem mágica inerentes à cultura, reflete-se sobre a nação (re)construída pela obra ficcional.

A procura da origem

A obra **Ualalapi** cumpre a função de marcar o caminho de regresso à origem. Como na estória infantil de **João e Maria**, coloca pedrinhas na estrada para indicar o caminho de volta para casa, para a cultura ancestral. E a forma como as pedrinhas são colocadas aproxima-se mais da fábula que do historicismo, pois coloca cor e vida no percurso. As mesmas cores e os mesmos sons que foram ouvidos pelos antepassados, que construíram o berço que embalou a infância dessa cultura e que acabou adormecida por outras mãos, um tanto perversas. Dessa forma, a missão do escritor se constrói com a mesma autenticidade da criança que busca os pais.

Sob esse ângulo é válido esclarecer que a associação entre a casa e a nação é estabelecida através do pressuposto de nação enquanto a “grande casa imaginária”, lugar de pertencimento; ou ainda como “a casa do pai”, segundo Appiah. Nesse ponto, tanto a casa quanto a nação seriam os lugares originais do sentimento de “pertencer”, sobre o qual a identidade é construída. A casa enquanto pertencimento a uma família, e a nação enquanto pertencimento a uma comunidade, onde se coloca a questão da identidade; de fazer parte de uma determinada coletividade, ligada imaginariamente a um território.

O conceito de nação enquanto casa imaginária, discutido por Benedict Anderson ou Ernest Renan foi, entretanto, ultrapassado ou ampliado nessa análise da narrativa de Ba ka Khosa. **Ualalapi** não se prende aos limites dessas afirmativas e constrói a história de um povo com suas glórias, erros e sofrimentos. O romance não cultua as honras e momentos gloriosos e não reprime os fatos negativos ou vergonhosos, como recomenda a imagem de nação traçada por Renan. Constrói, sim, uma imagem mais abrangente da comunidade em questão, (re)constrói a cultura representativa daquele universo, através da ficção que desvela a história. Uma estória de bravura e coragem, de crueldade e poder, de magia e humanidade – ambigüidades que são partes da realidade e são explicitadas pela narrativa. Na verdade, como mostram as significações implícitas na narração, esta se faz com distanciamento desses conceitos pré-estabelecidos, mas se vale do contexto elucidativo maior da cultura dentro da narrativa.

O próprio título do livro já expressa o desvencilhamento do lugar glori-

oso, que percebemos nos teóricos citados. É um título que dá voz a um personagem secundário, quando a figura de destaque é o grande imperador Ngungunhame. E a figura desse imperador é descrita em todas as suas faces – gloriosa ou perversa: “Domia com os seus treze anos, viu o pai a ser espancado e retalhado pelos guardas reais e por alguns elementos da população, pois os restantes, cientes da inocência de Mputa, retiraram-se da zona, tentando esquecer o que jamais esqueceriam”. (p. 51)

Ungulani mostra a estória e história de um povo que se expressa na fala, na oralidade, na sacralidade, na comunhão com a natureza, no transcendental, espiritual, na fidelidade à coletividade e ao chefe. A história de uma comunidade, que através do encontro e do domínio de outra cultura mais forte é transformada e desviada do seu caminho original, é afastada dos valores próprios, de sua cultura e tradição. E a busca de um resgate é refletida pelo texto.

Resgate de uma comunidade que foi desapropriada dos seus significantes, do seu ser coletivo coeso, do seu eixo cultural e então se fragmentou e se perdeu no caminho de casa. Desfacelou-se e se desintegrou enquanto coletividade, enquanto indivíduo, enquanto ser humano, perdendo muitas vezes a condição de dignidade humana e racial do seu povo. E o que Ungulani parece buscar no livro é colocar algumas pedrinhas no chão, algumas pedrinhas que indiquem ao seu povo aquele caminho esquecido de sua casa, de sua cultura, de sua origem, pois suas marcas foram apagadas pelo tempo.

E na construção desse caminho verifica-se então um fator de extrema importância desenvolvido na estrutura textual e que propõe o caráter de identidade cultural, social e memorial – a representação extremada da oralidade, da língua nativa em combinação ao português, da fala e dos elementos simbólicos próprios dos povos das grandes tribos que constituíram a nação moçambicana.

A (re)construção através do reforço dos significantes da nação

Há, no romance, a reconstrução real de um mundo que, para ser traduzido com nitidez e fidelidade, requer a linguagem e a forma simbólica quase de um sonho. E o reforço sógnico se faz presente através da oralidade, das palavras, do discurso apocalíptico. As palavras “cresciam de minuto em minuto e entravam em todas as casas, escancarando portas e paredes, e mudavam de tom consoante a pessoa que encontravam” (p. 65). A passagem acima reverencia a profunda ligação entre a cultura africana e a palavra falada, as estórias contadas de boca em boca, que são capazes de revelar traços importantes do mundo coletivo, do imaginário social, das crenças e história da nação.

E o imaginário de um povo se revela através das estórias orais que, contadas por cada indivíduo, vão sendo transformadas e acrescentadas, refletindo

sempre uma parte do contexto social inerente à cultura num dado momento. Dessa forma, essas histórias são um grande espelho da nação. A forte relação com as palavras durante as narrações revela então mais um importante traço da nação Moçambicana – a oralidade. “Pécoras, bestas sem nome, eram elas que levavam no saco histórias inventadas...” (p. 65). Também a magia e a profecia, aspectos reforçados no texto de Ungulani, são características marcantes das sociedades orais. Afinal, o limite separatista entre o visível e o invisível não se estabelece nessa cultura.

Nesse resgate incondicional, livre de historicismos e de juízos sobre o bem e sobre o mal, a narrativa recupera os elementos estruturantes da nação e o seu simbolismo para a cultura. Mostra a nação em sua inteireza expondo, no entanto, suas faces múltiplas. O leitor chega aos últimos contos e depara-se com as reminiscências de uma nação fragmentada, diluída, massacrada, dominada, mas também com um valor de resgate cultural sendo realizado através de toda a obra.

ABSTRACT

This article approaches an analysis of the book **Ualalapi**, by Ungulani Ba Ka Khósa, trying to elucidate some features presented in the text concerning the nation and their significant. It establishes a relation between the narrative and some elements of the african culture, here represented as a manner of revisiting its origins.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.
- APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1990.
- BA KA KHOSA, Ungulani. **Ualalapi**. Lisboa: Caminho, 1990.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- CAVACAS, Fernanda. **O texto literário e o ensino da língua em Moçambique**. Lisboa: Maputo, 1994.
- LAPLANCHE, Jean, PONTALIS, J. B. **Fantasia originária, fantasia das origens, origens da fantasia**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- RENAN, Ernest. *Ques't une nation?* In: HUTCHINSON, John, SMITH, Anthony. **Nationalism**. New York: Oxford University Press, 1994.

